

Capital Futebolístico e cotidiano: notas etnográficas das relações sociais de trabalho no Mirante Esporte Clube em Ponta Grossa-PR

Football capital and everyday life: ethnographic notes of social work relations at Mirante Esporte Clube in Ponta Grossa-PR

Edilson de Oliveira¹, Miguel Archanjo de Freitas Junior², Natasha Santos Lise³

Como citar esse artigo. DE OLIVEIRA, E. JUNIOR, M. A. F. LISE, N. S. Capital Futebolístico e cotidiano: notas etnográficas das relações sociais de trabalho no Mirante Esporte Clube em Ponta Grossa-PR. *Mosaico - Revista Multidisciplinar de Humanidades*, Vassouras, v. 14, n. 1, p. 58-72, jan./abr. 2023.



Nota da Editora. Os artigos publicados na Revista Mosaico são de responsabilidade de seus autores. As informações neles contidas, bem como as opiniões emitidas, não representam pontos de vista da Universidade de Vassouras ou de suas Revistas.

Resumo

O capital futebolístico emerge de um conjunto de práticas (herdadas, adquiridas e/ou incorporadas, corporais e linguísticas), capazes de legitimar um agente em uma posição social de destaque no campo futebolístico em que se encontra inserido, mas também pela capacidade de conversão destas práticas ou deste capital, em outros capitais (econômico, culturais, social e simbólico), devido a sua dinâmica relacional. Nesse contexto, o objetivo do estudo foi analisar como o capital futebolístico é utilizado cotidianamente pelos agentes que compõe o Mirante Esporte Clube, inserido no campo futebolístico amador da cidade de Ponta Grossa – Paraná. Para tanto, realizou-se um estudo etnográfico no clube, durante sua participação nos campeonatos amadores organizados pela Liga de Futebol de Ponta Grossa, entre os anos de 2013 e 2022. Identificou-se a partir das relações de trabalho dos agentes, que o acúmulo de capital futebolístico poderia ser interpretado como uma estratégia rentável, do ponto de vista financeiro ou por melhores condições de trabalho, seja em uma perspectiva informal, formal ou empreendedora. Isso foi observado principalmente para os jogadores que possuíam poucas opções de escolha, pois não realizaram ou não tiveram a oportunidade de realizar ao longo de sua trajetória social os mesmos investimentos em outros campos sociais, como o acadêmico. Nesse sentido, aceitar as lógicas deste espaço e permanecer no campo era fundamental, pois deixar o posto conquistado significaria assumir o risco de sofrer perdas simbólicas dentro e fora do campo futebolístico amador de Ponta Grossa.

Palavras-chave: Futebol amador; etnografia, poder, cultura.

Abstract

Football capital emerges from a set of practices (inherited, acquired and/or incorporated, bodily and linguistic), capable of legitimizing an agent in a prominent social position in the football field in which he is inserted, but also through the ability to convert these practices or this capital, in other capitals (economic, cultural, social and symbolic), due to its relational dynamics. In this context, the study's objective was to analyze how the football capital is used daily by the agents that make up the Mirante Esporte Clube, inserted in the amateur football field of Ponta Grossa - Paraná. To this end, an ethnographic study was carried out at the club, during its participation in the amateur championships organized by the Liga de Futebol de Ponta Grossa, between 2013 and 2022. It was identified through the agents' work relationships that the accumulation of Football capital could be interpreted as a profitable strategy, from a financial point of view or for better working conditions, whether from an informal, formal, or entrepreneurial perspective. Especially for players who had few options to choose from, as they were unable or did not have the opportunity to make the same investments in other social fields, such as academia, throughout their social trajectory. In this context, accepting the logic of this space and staying on the field was fundamental, as leaving the conquered position would mean taking the risk of suffering losses experienced inside and outside the amateur football field of Ponta Grossa.

Keywords: Amateur soccer; ethnography, power, culture.

Introdução

O sistema de produção e circulação de bens simbólicos é definido pelo sociólogo francês Pierre Bourdieu (2008a, 2008b, 2011) como um sistema de relações objetivas entre diferentes instâncias, sendo estruturado pela função que cada uma cumpre na sua produção, reprodução e difusão. O sistema cultural fomentado a partir do gosto pelo futebol em diferentes localidades do mundo (BURDSEY, 2008; TUCKER, 2014; TORBJÖRN; HANS, 2017), do Brasil (PIMENTA, 2013; MYSKIW, STIGGER, 2014; BUARQUE DE HOLLANDA, RIBEIRO, 2020) e em Ponta Grossa (OLIVEIRA, FREITAS JR, 2020), pode ser visto como um destes espaços de produção e circulação de bens simbólicos.

Afiliação dos autores:

¹Professor Colaborador no Departamento de Educação Física/ Universidade Estadual de Ponta Grossa/ Ponta Grossa/ Paraná/ Brasil;

²Pró-Reitor de Graduação, Professor Associado do Departamento de Educação Física e do Programa Stricto Sensu em Ciências Sociais Aplicadas/ Universidade Estadual de Ponta Grossa/ Ponta Grossa/ Paraná/ Brasil;

³Professora Adjunta do Departamento de Educação Física e do Programa Stricto Sensu em Ciências Sociais Aplicadas/ Universidade Estadual de Ponta Grossa/ Ponta Grossa/ Paraná/ Brasil.

* Email de correspondência: edoliveira@uepg.br

Recebido em: 06/02/2023. Aceito em: 31/03/2023.

Enquanto uma estrutura constituída, o campo futebolístico pode ser interpretado através da hierarquização de suas posições. Em nível global, a *Fédération Internationale de Football Association* (FIFA) ocupa um posto de destaque neste espaço social, pois é a instância que gerencia o cenário competitivo do esporte, com a missão de tornar o futebol mais acessível e competitivo em todos os lugares do mundo. Para isso, a sua estrutura é composta por 211 associações afiliadas (confederações continentais, confederações e federações nacionais, ligas regionais e locais etc.), que possuem a obrigação de respeitar os estatutos, objetivos e ideais do órgão dirigente do futebol mundial (FIFA, 2022).

Esta organização hierárquica burocrática influencia para que o campo futebolístico apresente um modo de ver, sentir e agir sobre o mundo, estruturado através de um *habitus* específico. Com isso, auxilia para que a representação do que é ser um jogador de futebol tenha como referência o esporte praticado profissionalmente (DAOU, GUARESCHI, AZAMBUJA, 2014), principalmente devido a influência da mídia (PIMENTA, 2008).

Destarte, a compreensão deste sistema cultural pela ótica bourdieusiana, possibilita que seja visto como uma estrutura estruturante, pela qual estas estruturas internalizadas e duradouras, são passíveis de produzirem e reproduzirem novas práticas e representações, a medida em que há uma dinâmica relacional entre os agentes, proporcionando novos *habitus*, mudanças na hierarquia do campo e do lugar deste campo específico em relação a outros campos sociais (BOURDIEU, 2002).

A diversidade cultural que o futebol apresenta, devido a sua popularização em diferentes contextos, torna-o também passível de modificações de suas leis e normas por parte de seus praticantes. Algumas dessas podem, inclusive, mudar o sentido do jogo, produzindo e circulando bens simbólicos estrategicamente mais rentáveis às realidades locais, onde estes agentes sociais estão inseridos (DOMINGOS, 2012).

Um exemplo desta colocação é a cidade de Ponta Grossa, localizada no interior do estado do Paraná – Brasil, a qual não possui tradição na produção e revelação de futebolistas profissionais, não obstante, o futebol praticado de forma amadora, fomenta a manutenção de um sistema cultural centenário¹, que vem produzindo e reproduzindo o gosto pela prática futebolística amadora, geração após geração (FREITAS JR, OLIVEIRA, LINHARES, 2018).

Tal contexto leva-se a inferir que a estrutura futebolística global, busca fomentar a esperança e o desejo dos praticantes em tornarem-se futebolistas profissionais. Porém, as realidades objetivas dos contextos em que o futebol é praticado, podem apontar para um uso estratégico diferente das práticas futebolísticas. Essa diversidade de interações contribui para a objetivação de um capital capaz de simbolizar e organizar as relações sociais no interior deste sistema cultural, qual seja, o capital futebolístico.

Ele tem como ponto de partida as vivências futebolísticas de um agente social dentro de campo, com a bola nos pés, onde o seu desempenho e resultado do jogo importam, mas transcendem as quatro linhas, refletindo-se na postura desse jogador no vestiário, nos momentos informais de sociabilidade antes e após os jogos ou festividades e na forma de se relacionar com os agentes envolvidos com as atividades futebolísticas do clube. As formas dos agentes verem, sentirem e agirem sobre o futebol, hierarquizam o espaço social, e aqueles que possuem suas práticas mais alinhadas às visões legítimas no campo, ocupam os postos de destaque, por possuírem um capital futebolístico maior. (RIAL, 2008).

O capital futebolístico emerge de um conjunto de práticas herdadas, adquiridas e/ou incorporadas, corporais e linguísticas, capazes de legitimar um agente em uma posição social de destaque no campo futebolístico em que se encontra inserido, mas também pela capacidade de conversão destas práticas ou deste capital, em outros capitais (econômico, culturais, social e simbólico).

Para avançar na compreensão do futebol como um fenômeno sociocultural, um grande desafio

1 A Liga Ponta-Grossense de Desportos, atual Liga de Futebol de Ponta Grossa foi fundada em 1928, ano que em 9 equipes disputaram seu primeiro torneio amador. Antes disso, em 1909, conforme Ribeiro Jr. (2004) destaca em sua obra “Futebol Pontagrossense: Recortes da História”, a cidade sediou a primeira partida de futebol do Paraná. Entre estas datas, clubes como o OFEC (em 1912) e o Mirante E. C. (em 1922) surgiram, dentre outros, os quais movimentaram as paisagens locais, dando origem a novas formas de lazer, de sociabilidade e identificação, com as cores e bairros de origem dos clubes, que ainda permanecem em atividade.

consiste em refletir sobre a dinâmica relacional deste capital, com outros capitais, não apenas dentro do campo futebolístico, mas os usos sociais do capital futebolístico para além do espaço específico em que ele se desenvolveu. Nesse contexto, o objetivo do estudo foi analisar como o capital futebolístico é utilizado cotidianamente nas relações de trabalho, pelos agentes que compõem o Mirante Esporte Clube, inserido no campo futebolístico amador da cidade de Ponta Grossa – Paraná..

Olhar para o futebol, enquanto capital incorporado e para além do próprio campo, permite-se avançar no legado de autores como DaMatta et al. (1982), Damo (2005), Daólio (2006), entre outros, que investiram sua trajetória acadêmica na compreensão da importância de se estudar o futebol sob a ótica das ciências sociais e humanas. Desse modo, busca-se contribuir através da análise dos mecanismos e processos que estruturam o futebol como um elemento indispensável do cotidiano destes agentes sociais não apenas pelos sentimentos e emoções despertados, mas também pela lógica e estratégia utilizada nos diferentes campos.

Procedimentos Metodológicos

Neste estudo optou-se pelos direcionamentos metodológicos da etnografia, pois eles guiam os pesquisadores no processo interpretativo do “ponto de vista” e da “visão sobre o mundo” dos indivíduos pertencentes ao grupo social investigado, através das interpretações de suas práticas simbólicas. Tendo como referência as experiências de Geertz (2001, 2003, 2010, 2011) e Wacquant (2002), na realização da presente investigação, estabeleceu-se inicialmente o objeto e os sujeitos do estudo. Estipulou-se o campo futebolístico amador pontagrossense, pois nestes espaços ocorrem os campeonatos mais antigos, ainda em atividade da cidade (RIBEIRO JR, 2004).

Reconhecendo que o conhecimento preliminar sobre o objeto de estudo é essencial para traçar as primeiras estratégias de inserção ao campo, realizou-se uma revisão de literatura das produções que abordavam o futebol amador em geral e do futebol amador no contexto da cidade de Ponta Grossa. Após esta ação, buscou-se uma autorização legítima para adentrar no campo. Tal tarefa foi facilitada a partir de uma visita dos pesquisadores à Liga de Futebol de Ponta Grossa (LFPG), por meio da qual se obteve os contatos dos clubes filiados. De posse destas informações, realizou-se aleatoriamente uma ligação para o agente “responsável” pelo Mirante E. C², que foi o primeiro dentre os demais representantes a atender e colocar-se à disposição, tornando-se o ponto de partida da investigação.

As descrições iniciais contemplaram o primeiro processo de estruturação do mapa do campo. Para a captação dos elementos provenientes destes encontros, utilizou-se o diário de campo (DC), visto que um indivíduo se lembra somente das coisas que o motivam e o empolgam, descartando fatos sem nenhum sentido no momento. (DAMATTA, 1987). Partindo dos conceitos de “estar ali” e “estar aqui”, descritos por Geertz (2010), a materialização do DC fez-se dentro e fora de campo.

Além do tradicional caderno, utilizaram-se aplicativos para anotações e gravações de áudio no *smartphone*, devido à praticidade de seu uso e por se tratar de um objeto familiar para os agentes do campo. Compreendendo a dimensão das relações proporcionadas pela internet na sociedade contemporânea, através das comunicações mediadas por computadores e *smartphones* (HINE, 2015), foram incorporadas nas descrições etnográficas, relações estabelecidas por redes sociais e grupos de aplicativos de comunicação.

Autorizada a inserção *in loco* e superada as camadas de aceitabilidade³, iniciou-se a estruturação do

2 Em relação aos aspectos éticos da investigação, optou-se por trabalhar com nomes fictícios, tanto para os agentes quanto para o clube de futebol no qual se realizaram as observações *in loco*. Neste caso, denominou-se Mirante Esporte Clube, uma vez que o significado desta palavra faz alusão ao clube que foi o ponto de partida da investigação. O estudo foi aprovado pela Plataforma Brasil, sob o número do Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE): 66013317.8.0000.5694 e número do Parecer: 2.005.549.

3 Como apresenta Geertz (2011), “ser aceito” pelo grupo estudado, parte fundamental da investigação (juntamente com a capacidade de construir descrições densas), o que influenciará diretamente no tempo em campo e atestará o sucesso ou o fracasso da coleta de dados.

DC, objetivando compreender as lógicas gerais e específicas do campo futebolístico amador pontagrossense, a partir de descrições “densas” (GEERTZ, 2011). Isso ocorre quando os pesquisadores são capazes de interpretar o ponto de vista dos próprios membros do grupo social investigado, através da vivência e da observação destas práticas oriundas de processos históricos, sociais e culturais (BOUMARD, 1999).

Entre os anos de 2013 e 2022, acompanharam-se os jogos do Mirante E. C. no Campeonato Amador Divisão Especial (jogadores acima de 15 anos), Campeonato Amador Máster (jogadores acima de 35 anos) e o Campeonato Amador Sênior (jogadores acima de 45 anos). As partidas eram realizadas em vários campos da cidade de Ponta Grossa e região, ocorrendo em sua grande maioria aos domingos pela manhã ou nos mesmos horários, característica que impossibilitava a observação de mais de um jogo por rodada. Assim, optou-se por acompanhar todas as partidas do Mirante E. C.

Além das partidas oficiais, acompanhou-se os jogadores em seus espaços de socialização e confraternização (antes e após os jogos), nos amistosos, nos jogos treino, nas peladas⁴, realizadas aos sábados à tarde, feriados ou domingos pela manhã, quando não havia jogo do campeonato amador. Também nos fizemos presentes nas festividades em datas comemorativas (aniversário do clube) ou para arrecadação de fundos, em mutirões para realização de pequenas reformas, como pintura dos muros, troca de portas, construção de pisos e rampas, além de reuniões da diretoria do Mirante (no ano de 2017).

No quadro abaixo buscou-se realizar uma descrição das fontes trabalhadas ao longo desta etnografia.

Paralelamente ao processo de observação e estruturação do DC, realizou-se a interpretação e a análise do material empírico proveniente das saídas a campo e de outras fontes de coleta de dados. Neste processo analítico, a organização ocorreu de forma manual, considerando-se como fundamental no estabelecimento das categorias de análise, a frequência e a relevância das ações e práticas simbólicas para o grupo social observado.

Quadro 1. Descrição das fontes coletadas e analisadas ao longo do trabalho de campo.

Fonte	Nº	Descrição
Diário/Saídas de campos	280	<p>O processo investigativo teve início em 2013, com um aprofundamento bibliográfico acerca do objeto e exploração do campo (visitas a LFPG, conversa com os primeiros agentes e idas a jogos de forma aleatória), chegando à primeira saída <i>in loco</i> no Mirante E. C., no dia 19 de junho de 2014, a partir da qual, permanecendo no campo periodicamente até 20 de novembro de 2022. Com tempo médio de permanência <i>in loco</i> de 5 horas, passou-se aproximadamente de 1.400 horas no campo. Se acrescentados o tempo de deslocamento aos jogos (alguns fora da cidade), conversas com jogadores e dirigentes do clube através de redes sociais e aplicativos de comunicação, bem como o tempo para gravação dos áudios e confecção dos diários de campo, supera-se as horas de trabalho em campo.</p> <p>Para cada saída de campo foi realizado o registro em um diário de campo, nas primeiras observações (descrições iniciais), foi utilizado um roteiro de observações, com questões sobre identificação; histórico e características do clube; locais de memória; redes de relações; indicações e eventos futuros.</p> <p>Como a LFPG e o Mirante E. C. não possuíam acervo de memórias e com o processo de aceitabilidade no clube, optou-se por avançar no trabalho através de categorias de análise que emergissem das relações estabelecidas com os agentes sociais. Abrindo espaço nos diários de campo para informações não previstas no roteiro inicial.</p>

4 O termo “pelada”, na linguagem futebolística, refere-se a um jogo de caráter “lúdico”, no qual algumas regras, como a presença de árbitros, a uniformização das equipes, as substituições ou o tempo de jogo são definidas em comum acordo entre as equipes. No caso específico do amador pontagrossense, são realizadas aos sábados à tarde, feriados ou domingos pela manhã, quando não há jogo do campeonato amador.

Quadro 1 (cont.). Descrição das fontes coletadas e analisadas ao longo do trabalho de campo.

Fonte	Nº	Descrição
Entrevistas temáticas e de história de vida	21	Durante os primeiros passos <i>in loco</i> , as entrevistas temáticas, com caráter formal, foram importantes para o estreitamento das relações sociais. Neste primeiro momento foram realizadas 16 entrevistas com jogadores do Mirante E. C., baseadas em um roteiro com 10 questões, além da identificação (nome, data de nascimento, endereço, telefone e clube o qual joga), são elas: 1) Há quanto tempo joga no clube? 2) Na maior parte dos jogos você é titular ou reserva? 3) Quem define a escalação? 4) Recebe algum tipo de remuneração ou benefício para jogar? 5) Antes do campeonato a preparação inclui? 6) Quem vem assistir você jogar? 7) O que motiva você a jogar pelo clube? 8) Há algum tipo de socialização/confraternização entre os jogadores e dirigentes? 9) Nível de escolaridade e 10) Profissão. Porém, após a superação das camadas de aceitabilidade e com o objetivo principal de trabalhar com a etnografia, passou-se a registrar estas e outras informações através de diálogos informais, descritos nos diários de campo. No entanto, ao longo do estudo realizou-se outras 5 entrevistas, com agentes nucleares do Mirante E. C. (FREITAS JR; OLIVEIRA, 2023), nestas ocasiões trabalhou-se com entrevistas de história de vida (ALBERTI, 2018.), sem um roteiro fixo, apenas interagindo com estes agentes com base nas experiências já vividas com eles durante o trabalho etnográfico.
Registros audiovisuais dos pesquisadores e de terceiros	960	Conforme o artigo descreve, os registros em foto e vídeo foram um importante elemento no processo de inserção no campo, deste modo, principalmente nos primeiros anos de saídas de campo, forma realizados registros do cotidiano dos agentes, para dar suporte a construção dos diários de campo. Porém, eles foram diminuindo a medida em passamos a fazer parte do grupo (não como nativos), pois passamos a contribuir de outras formas para o desenvolvimento das atividades do clube. Em menor escala, fotos de outros agentes foram incorporados em nossos registros, quando possuam um significado em sua trajetória, que articulava-se com os objetivos da investigação.
Whatsapp	30	Foram exportadas e 4914 mensagens em 4 grupos do Mirante E. C. (geral, time, diretoria e peladas) além de 26 conversas privadas com jogadores, membros das diretorias e veteranos do clube.
Blog	1	As primeiras informações divulgadas de forma sistemática sobre o Campeonato Amador de Ponta Grossa foram encontradas através de um <i>blog</i> de um jornalista local apaixonado pela competição, as informações postadas nesse espaço foram significativas durante os contatos iniciais com o campo nos anos de 2013 e 2014. Dia 19 de março de 2017 marcou a última publicação no <i>blog</i> , devido ao falecimento de seu autor.
Sites	5	Ao longo do período em que permanecemos em campo, identificamos em a partir de 2015 o interesse de 1 <i>sites</i> , em publicar informações sobre o campeonato amador da cidade de forma sistemática. Além deste site, também coletamos informações de 4 <i>sites</i> locais que publicaram notícias sobre o campeonato amador ou sobre o Mirante Esporte Clube.
Facebook	2	Acompanhamos as postagens de 2 páginas do clube na rede social Facebook, único espaço <i>Web</i> em que o Mirante E. C. divulgava oficialmente suas atividades, mesmo que de forma não sistemática. Os perfis de agentes envolvidos com as atividades do Mirante também foram observados.

Fonte: Os autores.

Revisão de Literatura

Ao se propor a compreender o significado sociocultural do futebol no Brasil, Daólio (2006) apontou para o desejo de ascensão social, através da realização do sonho de ser jogador de futebol profissional, como fator significativo. Segundo Damo (2005), tornar-se um futebolista profissional fascinava os meninos brasileiros, principalmente os oriundos de escolas públicas. Não obstante, Damo (2005) e Cavalcanti (2017) destacam em seus estudos que esta ascensão a partir da prática futebolística, vem se tornando cada vez mais complexa, difícil e (talvez) ilusória, devido a grande maioria dos jogadores profissionais encontrarem-

se “à margem dos holofotes”.

Observando os dados publicados pela Confederação Brasileira de Futebol (CBF), sobre um “Raio-X do mercado 2019”, naquele ano, 22.177 jogadores possuíam contratos profissionais com clubes brasileiros (CBF, 2019). Ao cruzar esses dados com os 14,5 milhões de homens, de 15 anos ou mais de idade, praticantes de futebol no Brasil (IBGE, 2017), pode-se inferir que este número representa 0,2% dos futebolistas. Isso é, embora o “sonho” de tornar-se jogador profissional apresente-se ao longo da trajetória dos praticantes de futebol, esse não é o único fator que nos permite entender a dimensão do futebol, pois em algum momento da trajetória, tornar-se profissional deixa de ser uma opção, se é que um dia foi, porém, a prática do esporte persiste.

Segundo DaMatta et al. (1982) o futebol apresenta-se como um dos sistemas simbólicos extremamente significativos para grande parte dos brasileiros. Desse modo, durante o processo de compreensão dos signos emergentes das práticas futebolísticas, torna-se possível refletir sobre as articulações do futebol com as dimensões culturais, sociais, econômicas e políticas do grupo social investigado.

Adentrando no debate, Damo (2005) alertou para a necessidade de se falar em “futebóis”, no plural, devido à grande diversidade sociocultural do Brasil. Assim, o primeiro movimento teórico realizado neste estudo, foi buscar compreender nas produções acadêmicas sobre a temática, como o futebol vem sendo abordado nas diferentes regiões do país e em seus diferentes contextos.

Na região Norte do Brasil, pode-se desatacar o estudo de Campos (2015), sobre como as ligas municipais organizadas pela Federação Amazonense de Futebol (FAF) tornaram-se para muitos moradores desta localidade, principalmente entre as mulheres, que acompanham seus esposos durante as viagens para os jogos, uma das poucas, se não a única, possibilidade de atividade de lazer. No Nordeste, a investigação de Pimenta (2013), abordou as dificuldades enfrentadas pelo futebol amador na zona rural de Sobral-CE, explorando principalmente as relações entre o a política eleitoral local e o futebol amador.

No Sudeste, Spaggiari (2014) buscou compreender a importância do futebol para agentes em posição de invisibilidade em São Paulo. Já na região Centro-Oeste, Grunennvaldt, Grunennvaldt e Pinho (2015) exploraram o significado do futebol na vida de jogadores negros em Cuiabá-MT, nas décadas de 1950 e 60, intentando compreender como o futebol tornou-se um elemento capaz de desmarginalizar os futebolistas negros.

No Sul, autores como Rigo (2007), sobre um clube de futebol social e recreativo da cidade de Pelotas (RS) e Myskiw e Stigger (2014), sobre um circuito de futebol da cidade de Porto Alegre (RS), têm realizado estudos para compreender os impactos do futebol no cotidiano desses espaços sociais. No mesmo viés, Oliveira (2013) realizou um estudo sobre a “suburbana”, competição amadora de futebol da cidade de Curitiba-PR. Na mesma cidade, Canedo Jr., Capraro e Souza (2019) analisaram através de entrevistas orais, como o SOBE Iguazu e o Trieste FC, os dois clubes amadores de maior tradição da capital paranaense, foram fundados para que os imigrantes italianos pudessem jogar e rememorar um hábito vivenciado em seu país.

No contexto local, destaca-se a investigação de Freitas Jr (2000) sobre as causas do fracasso do Operário Ferroviário Esporte Clube, uma equipe de futebol profissional de Ponta Grossa. Mais recentemente, Oliveira e Freitas Jr. (2020) analisaram o “sentido do jogo” para os futebolistas amadores de Ponta Grossa.

Após olhar para as diferentes regiões do Brasil e para o contexto pontagrossense, percebe-se por meio dos estudos, que todos apresentam direta ou indiretamente, uma busca por acesso a diferentes direitos. Os quais, compilados, compõem o entendimento deste estudo sobre cidadania a partir da prática futebolística. Um dos fatores que pode desencadear esta busca é a ineficiência do Estado em estabelecer garantias ao acesso a direitos sociais básicos. Como nem sempre há estas garantias² (FERRAJOLI, 2006), os agentes buscam novas estratégias para acessar estes serviços. O futebol apresentou-se historicamente e apresenta-se como uma possibilidade estratégica de se enfrentar as lutas cotidianas.

Mas de que modo isto ocorre? Nosso nascimento, é também a nossa inscrição em uma posição

no campo social, através da qual incorporaremos disposições de pensar e agir, que atribuirão sentido ao jogo (BOURDIEU, 2002). Para Bourdieu (2011, p.18-19), o espaço social é constituído por posições sociais distintas e coexistentes, “definidas umas em relação às outras por sua *exterioridade mútua* e por relações de proximidade, de vizinhança ou de distanciamento e, também, por relações de ordem, como acima, abaixo e *entre*”.

A distribuição destes agentes se dá em função de suas posições na ordem hierárquica do espaço. Em sociedades mais desenvolvidas, segundo o autor, o capital econômico e o capital cultura são a base do esquema classificatório, agindo como princípios de diferenciação. Deste modo, através dos bens, das práticas e das maneiras de agir dos agentes pertencentes a um grupo, se estrutura um sistema complexo de signos distintivos (BOURDIEU, 2011).

Nesse contexto, ao existir em um espaço, ocupar uma posição, o agente social passará a ver e perceber as lógicas próprias socialmente pertinentes para o grupo, pois ao estar inscrito naquele lugar ele se dotará “das categorias de percepção, de esquemas classificatórios, de um *gosto*, que lhe permite estabelecer diferenças, discernir, distinguir” (BOURDIEU, 2011, p. 23).

O *habitus* pode ser compreendido como o princípio gerador de práticas objetivamente classificáveis e, ao mesmo tempo, seu sistema classificatório. Assim, na relação entre a “capacidade de produzir práticas e obras classificáveis, além da capacidade de diferenciar e de apreciar essas práticas e esses produtos (*gosto*), é que se constitui o mundo social representado, ou seja, o espaço dos estilos de vida” (BOURDIEU, 2008a, p. 162).

Bourdieu (2008a) atribui à família, uma importância singular no processo de incorporação de certos padrões de gostos, decorrentes de padrões de *habitus*, uma vez que ocorrem neste espaço as socializações primárias dos agentes. Dessa forma, a família opera como espaço constituinte das competências julgadas “necessárias” para os diferentes momentos, bem como espaço de definição do valor destas competências (BOURDIEU, 2008a). Ao aferir valor a uma determinada competência cultural, a família baseia-se em um *sensu de aplicação* que justifique os investimentos (altos ou baixos) realizados (BOURDIEU, 2008a).

Bourdieu (2001) ainda destaca que o *habitus* específico de um campo se institui em estado incorporado, portanto, trata-se de um processo gradual e progressivo em que a conversão do *habitus originário*⁵ para aquisição do *habitus* específico, requisito para adentrar no jogo, acaba passando despercebida.

Durante o processo de construção de uma tipologia dos jogadores de futebol amador do Mirante Esporte Clube, em Ponta Grossa - PR, Oliveira e Freitas Jr (2020) utilizaram as motivações dos jogadores para estarem naquele campo, como referência para analisar as diferenças e as semelhanças que os classificariam em um tipo ou outro. Dentre aqueles que jogam devido à identidade com o clube foi possível identificar que seu *habitus* alinhava-se perfeitamente com o *habitus* específico do campo, pois desde sua infância, estes herdeiros do Mirante E. C. foram socializados para incorporarem os valores e práticas legítimas neste espaço social e assim, assumirem futuramente suas posições de “direito”.

Mesmo para aqueles que não entendiam o sentido do jogo, segundo a ótica do Mirante E. C., como os que jogavam devido ao amor pelo futebol ou devido aos benefícios/remunerações e, até mesmo os que jogavam devido às relações de amizade e rodas de sociabilidade, jamais lhes era posto ou imposto, de maneira explícita, este *habitus*, o que não faz deste processo, uma experiência menos dolorosa ou sem encruzilhadas, pois a sua aparência dócil, não minimiza o peso das mudanças necessárias para se ver o mundo sob a ótica do novo grupo.

Segundo Bourdieu (2008a, 2021), cada campo pode ser compreendido como a institucionalização de um ponto de vista nas coisas e nos *habitus*. Deste modo, o *habitus* específico de um campo, imposto aos postulantes, nada mais é do que um modo de pensamento que norteia a construção daquela realidade. Nesse contexto, um agente social que pretende adentrar no campo, deve trazer para o jogo um *habitus*

5 Bourdieu (2001) utiliza a noção de *habitus originário*, para explicar o processo de entrada e/ou transição de um agente social, de um campo para outro. Este refere-se ao *habitus* do campo em que este agente se encontrava inserido, o qual pode ou não apresentar proximidade com o *habitus específico* do campo em que o agente postula adentrar.

compatível ou próximo, mas sobretudo maleável e aberto a possibilidade de uma reestruturação.

Ao ser aceito no campo, as ações e reações deste agente social buscarão sempre manter ou melhorar sua posição no espaço, com o intuito de conservar ou aumentar o capital específico que só se consegue no campo (BOURDIEU, 2008b). Direcionando o olhar para o campo futebolístico amador de Ponta Grossa, foram verificadas motivações distintas para adentrar no campo. Devido a elas, os agentes passaram por processos com diferentes graus de reestruturação, porém o investimento era feito, pois de forma consciente ou inconsciente, a motivação decorre dos ganhos sociais provenientes do capital futebolístico adquirido.

Estes ganhos podem representar posições de destaque no campo futebolístico amador, como assumir o posto de veterano⁶ (OLIVEIRA, FREITAS JR, 2020), mas também em outros espaços sociais fora do campo específico, devido à dinâmica relacional do capital futebolístico com os demais capitais, e principalmente devido à dimensão do futebol na sociedade brasileira, como sistema cultural. Desse modo, pretende-se explorar na sequência do texto, as relações do *habitus* específico do campo futebolístico amador de Ponta Grossa e do capital futebolístico, com as relações formais e informais de trabalho.

Resultados e Discussões

No trabalho etnográfico, ser aceito pelo grupo social investigado é fundamental para que o pesquisador consiga realizar suas descrições densas sobre os sentidos e significados do que observa (GEERTZ, 2011). Nesse sentido, Malinowski (1984) destaca que o pesquisador precisa estabelecer estratégias e atuar ativamente para que isso ocorra. Durante esse processo, nas idas a campo para observar os agentes envolvidos com as atividades do Mirante E. C., percebeu-se no equipamento fotográfico utilizado, uma oportunidade de estreitar os laços com alguns jogadores e criar uma rede de contatos, porém, no decorrer das observações, tornou-se mais do que isso.

Realizar algumas entrevistas exploratórias fazia parte do planejamento inicial da investigação, por esse motivo, levou-se para o campo uma câmera digital. Como em 2014, as imagens das câmeras de *smartphones* não possuíam a qualidade de hoje, havia uma diferença significativa de qualidade entre as fotografias dos jogadores e os nossos registros. Esse fato levava muitos jogadores a perguntarem em qual *site* saíam as imagens do jogo. Viu-se aí uma oportunidade para pedir o número de contato destes jogadores, torcedores e dirigentes, para que fosse possível enviar a eles as fotos e vídeos do jogo. Como optou-se por acompanhar apenas o Mirante E. C., gradualmente conseguiu-se um espaço nas rodas de sociabilidade do clube e posteriormente a entrada nos grupos de WhatsApp, pois isso facilitaria o compartilhamento do conteúdo.

A câmera digital já havia se apresentado como um recurso valioso, porém, com o passar do tempo e estreitamento das relações com o clube, passou-se a receber propostas de trabalho, como o de fotografar um aniversário, casamento ou alguma festividade. Durante uma conversa no bar do Mirante E. C. com Elias, jogador da equipe *master* e principal, ele me perguntou se teria disponibilidade e quanto cobraria para fotografar o aniversário de seu filho. Inicialmente, questionei-me se seria uma boa estratégia aceitar a proposta, pois o fato de não fotografar profissionalmente poderia se tornar problemático futuramente, ao mesmo tempo em que ajudaria a compreender um pouco mais do cotidiano daquele jogador. Como o plano era mergulhar na experiência etnográfica, aceitei o pedido.

O horário de início do aniversário estava previsto para às 14 horas. Cheguei com antecedência no salão onde ele ocorreria, porém, já haviam passado mais de 20 minutos do horário

⁶ Dentre as posições que se estruturaram histórica, cultural e socialmente no campo futebolístico amador de Ponta Grossa, o posto de “veterano” é objeto de desejo e de disputa dos agentes sociais. Devido o processo de ancoragem do envelhecimento há valores como a experiência, a sabedoria e o respeito, tornar-se um veterano significa adentrar a um grupo seleto de agentes que fazem parte da história do clube que representam e do futebol na cidade de Ponta Grossa, fato legitimado entre os agentes como um privilégio. (OLIVEIRA, FREITAS JR, 2020).

previsto quando Elias chegou com sua família (filho aniversariante, filha e esposa), eles também trouxeram consigo alguns adereços para ornamentação do espaço. Além das mesas, existia um espaço com piscina de bolinhas e cama elástica, onde ele levou seu filho para brincar antes da chegada dos convidados. Após cumprimentá-lo, iniciei o trabalho fazendo alguns registros da criança na piscina de bolinhas, enquanto eles terminavam de organizar o espaço. Aproximadamente uma hora depois, começaram a chegar mais pessoas, com exceção de seu núcleo familiar e de sua esposa, eu passei a reconhecer cada vez mais os convidados, pois eram todos jogadores ou dirigentes do Mirante. Depois de todos tirarem fotos com o aniversariante e registro do “Parabéns”, Elias me convidou novamente para sentar-se em uma mesa com os jogadores, ele já havia feito o convite antes, mas eu estava preocupado com as fotos, mas também queria participar da roda, pois o assunto era futebol e o clube. Durante a conversa, pude entender o motivo pelo qual Elias havia pedido para que eu tirasse as fotos do aniversário de seu filho. Wagner, um dos jogadores que estava na mesa disse: “- Não sabia que você trabalhava de fotógrafo em outros locais”. Eu respondi que não trabalhava, mas que como foi um pedido do Elias eu topei. Guilherme (jogador do Mirante) então disse que era bom saber daquilo, pois se ele ou alguém conhecido precisasse me indicaria. Outro jogador, Anderson, em tom mais irônico disse que eles já estavam querendo me dar mais trabalho e ressaltou que o grupo agia desta forma: “- Aqui é assim, um ajuda o outro. Seja para dar uma força, quando o outro não tem ou para pagar por um serviço quando pode”. Wagner então disse: “- Eu trabalho com móveis, já fiz moveis planejados para esses dois aqui (apontando na roda) e pra muitos outros do Mirante e do amador nem se fala. Outros aqui trabalham com construção, esses dois trabalham junto, mesma coisa né?”. Seguido por um “é verdade” coletivo, que confirmava o que ele havia dito. Então Elias, cita quem mais trabalhava com ele e lembra de um jogador novo, que havia entrado recentemente no grupo que disputa as peladas e seria convidado para entrar no time que jogava o amador. “- A gente viu ele crescendo, sempre na beira do campo, nunca vi o pai dele, então quando ele ficou maior, convidamos ele para vir jogar com a gente, para não ficar na rua e agora está trabalhando comigo na construção, aprendendo uma profissão. Ele dá umas mancadas, porém é novo, gosta de festa, é pia né?”. Por fim, Anderson fecha o assunto falando que um time é isso, é construído através da ajuda mútua. Que quando você conhece a pessoa no campo, você conhece o caráter dela, sabe se é possível ou não confiar. “- Eu coloco dentro de casa, gente que eu confio. No meu time eu confio, então se alguém do meu time sabe fazer o que eu preciso, fechou o pacote”. (DC, 20/05/2017)

A conversa naquela tarde foi bastante significativa, pois apontava uma relação que não havia se identificado olhando apenas de dentro do campo. O fato de estar envolvido com o futebol e ser respeitado naquele espaço, abria uma porta para outros ganhos, pois atribuía confiança, mesmo que o ato de praticar futebol não tenha relação nenhuma com a qualidade de uma fotografia, com a qualidade de um móvel ou com o trabalho em uma obra.

Além dos bicos, gíria utilizada para referir-se as relações informais e intermitentes de trabalho, o capital futebolístico de um jogador também poderia operar concedendo-lhe oportunidades de emprego formal. Para compreender essa possibilidade de conversão, é necessário atentar-se às sutilezas do campo. Durante a descrição do campo futebolístico amador de Ponta Grossa, Oliveira e Freitas Jr (2020) apresentaram uma categorização dos clubes em quatro tipos⁷, são eles: Clubes de Vila, Clubes Empresa, Clubes Visitantes e Clubes Associativos/Sociais. Dentro do grupo de clubes empresa, embora o regulamento

7 Clubes de Vila (times que possuíam relações identitárias com o local que dava nome ao clube), Clubes Empresa (equipes formadas por jogadores que trabalhavam ou não na empresa que dava nome ao clube), Clubes Visitantes (clubes de cidades vizinhas que participam da competição na cidade.) e Clubes Associativos/Sociais (aqueles que surgiram a partir de diferentes agentes em torno de um Clube Social (sem fins lucrativos) ou Associativo (com mensalistas). Embora os clubes Associativos e Sociais possuíssem muitas semelhanças, o não pagamento de mensalidade, no caso dos clubes sociais, modificava consideravelmente as ações dos agentes pertencentes a estes locais, no campo. Deste modo, adotaremos no presente texto, a divisão em 5 tipos distintos de clube. A caracterização destes clubes já foi realizada, de forma mais densa, por Oliveira e Freitas JR. (2020), que realizaram ao longo do texto, descrições a partir do Mirante Esporte Clube.

do campeonato amador não exija vínculo do jogador com a empresa para sua inscrição, em alguns clubes, inscrever apenas jogadores que lá trabalham é importante para a coesão do grupo.

Em alguns Clubes Empresa, essa regra interna se justifica por alguns motivos, como o respeito ao nome que representam. Uma briga em campo com jogadores da própria equipe, adversários, arbitragem ou representante da LFPG, por exemplo, é visto como algo que pode manchar o nome da empresa. O fato de o jogador possuir vínculo empregatício, leva-o a atentar-se mais a estas questões, se comparado a um jogador convidado, que não conhece os seus ideais e valores. Tal questão apresenta-se como pertinente, principalmente em clubes que representam empresas grandes da cidade.

Outra questão está relacionada a uma pressão dos próprios jogadores da equipe que trabalham na empresa. A justificativa para se trazer um jogador de fora seria suas habilidades superior à dos jogadores/trabalhadores da empresa. Isso poderia ocasionar a perda de titularidade ou exclusão de um jogador da equipe, para dar espaço ao reforço. Desse modo, embora os jogadores do Clube Empresa quisessem fazer parte de um time mais competitivo, ficar de fora da equipe, seria um risco alto a se pagar.

Durante as observações *in loco*, foi possível acompanhar o caso de um ex-jogador do time do Mirante E. C. (2015), que mudou para um Clube Empresa, a fim de reforçar o elenco para a competição de 2016, mas sobretudo, pela proposta de emprego recebida.

O jogo entre o Clube Empresa “A” e Mirante Esporte Clube, válido pela quarta rodada do amador principal de 2016, ocorreu na tarde de domingo, na casa do adversário, que era também a sede recreativa da associação dos funcionários da empresa. Havia muitas famílias no local, algumas não aparentavam se importar com o jogo que estava prestes a começar, porém, observei um grupo de homens dirigir-se rapidamente para a beira do alambrado com algumas latinhas de cerveja na mão, quando o árbitro deu início a partida. Devido a empolgação do grupo, decido acompanhar o jogo próximo a eles. Durante os lances em que o Mirante E. C. apresentava superioridade, passei a perceber certa empolgação daquele grupo, estariam eles torcendo para o Mirante? Mas eu nunca os havia visto no estádio. A dúvida só foi respondida quando o Mirante E. C. abriu o placar, eles novamente comemoraram, mas em seguida um dos homens da roda disse que se fossem eles em campo, jamais tomariam um gol daquele, apontando para um companheiro da roda completou: “- Você não tomaria um drible daquele”. Imediatamente, aproveitei que o grupo havia quebrado o silêncio e perguntei para quem estavam torcendo. Em seguida, um deles respondeu que eram do Clube Empresa “A”, mas estavam torcendo para o outro time, porque haviam ficado de fora do elenco aquele ano. Em seguida, outro homem completou dizendo que o novo técnico queria um time mais forte e por isso tinham chamado gente de fora. Então perguntei se quem estava jogando, não era funcionário da empresa, em seguida justifiquei meu interesse, por estar estudando o futebol amador da cidade. Então eles começaram a explicar (apontando para o campo) quem fazia parte do time antigo, isso os incluía (estavam em quatro na roda), em seguida, apontaram os jogadores haviam entrado recentemente. Pude perceber, que eles não sabiam ao certo se eles eram ou não funcionários do clube. Foi quando um dos homens apontou para o ex-jogador do Mirante e disse: “- Esse piá joga muita bola, mas ele não é daqui”. Comentei que ele havia jogado no Mirante no ano anterior, em seguida, outro homem da roda disse que ele era funcionário da empresa sim, que havia sido contratado pouco antes do começo do campeonato. “- Eu vi ele em um amistoso que a gente fez antes do campeonato começar, foi um último jogo que participei antes de saber que não iam me inscrever, ele estava lá, foi um dos que roubou nossa vaga” (seguido por risos). [...] Após o término da partida, vencida pelo Mirante E. C., cumprimentei o ex-jogador do time e disse que havia feito a escolha errada em sair (em tom de brincadeira). Ele respondeu que não gostaria de sair do Mirante, mas que aceitou ir para o Clube Empresa, porque não iria poder jogar o amador por conta do trabalho em que estava. Assim, quando comentou isso para um amigo do futebol, ele disse que falaria com o técnico da equipe, que era também um funcionário da empresa com um cargo de chefia. Como o técnico/funcionário já lhe havia visto jogar e sabia de suas habilidades, o resultado

da conversa foi um convite para trabalhar na empresa, o que permitiria inscrevê-lo no campeonato amador (sem que houvesse conflitos internos), mas também em competições de futebol organizadas pelas associações de empresas na cidade e região, nas quais, ser funcionário era uma exigência. (DC, 03/07/2016)

As descrições daquela tarde permitiram refletir sobre como a presença do futebol nas conversas cotidianas pode promover mudanças significativas na vida dos agentes que o praticam. Uma pergunta sobre para quem jogaria o amador, levou um agente do campo futebolístico de Ponta Grossa a relatar uma dificuldade de conciliar a prática do futebol com o emprego. Não obstante, devido ao seu capital futebolístico, uma nova oportunidade surgiu. Tal relato, não faz parte de uma exceção, no mesmo Clube Empresa, havia outras situações semelhantes e em outros clubes também. Vale ressaltar que os casos em que se observou essa possibilidade de conversão das competências futebolísticas em oportunidades de emprego, referiam-se a trabalhos que demandavam baixa qualificação profissional.

Por fim, além desta relação hierárquica entre jogador/funcionário e clube/empresa, há vários relatos de jogadores que alavancaram os seus próprios negócios, com base nas relações sociais estabelecidas no campo futebolístico amador de Ponta Grossa e em seu capital futebolístico. Durante uma entrevista, quando perguntado sobre a importância do futebol para sua vida, um veterano do Mirante E. C. fez questão de enfatizar seu papel no modo de criar seus filhos, nos trabalhos formais que teve, reforçando a interpretação realizada acima e na construção do seu negócio próprio.

Durante sua fala, ele fazia questão de enfatizar que seu negócio teve como primeiros clientes, os jogadores do Mirante E. C. e demais jogadores do campeonato amador. Em seguida, estes passavam a fazer indicações sobre a qualidade do seu serviço, e logo pessoas que ele não conhecia estavam ligando para solicitar seus serviços, devido às indicações dos jogadores para os familiares, depois dos familiares para amigos próximos e assim, sucessivamente. A empresa criada precisou, inclusive, assumir o seu apelido, pois era assim que todos o reconheciam e a conheciam.

Pode-se assumir que a construção social das normas e regras respeitadas no Mirante E. C. e no campo futebolístico amador de Ponta Grossa, como o respeito aos veteranos, às famílias dos companheiros e aos sacrifícios realizados para entrar em campo com o time, explicada pelos agentes sociais através da noção de família, agem simbolicamente para converter a arbitrariedade da escolha do fotógrafo, marceneiro ou pedreiro em uma escolha óbvia, até mesmo natural. De acordo com Bourdieu (2011), “o espírito familiar” só existe porque há um trabalho simbólico e prático agindo entre os membros do grupo, capaz de transformar a obrigação de amar em disposição amorosa. Isso ocorre cotidianamente, através das generosidades e solidariedades (trocas, ajudas, visitas, serviços, atenção etc.) eternizadas em encontros e registros fotográficos.

Operando de forma semelhante a um campo social, a família também possui “[...] relações de força física, econômica e sobretudo simbólica (vinculadas, por exemplo, ao volume e à estrutura dos capitais que seus diferentes membros possuem) e suas lutas pela conservação ou transformação dessas relações de força” (BOURDIEU, 2011, p. 130). Desse modo, pode-se inferir que ao mesmo tempo em que este sentimento familiar ou de companheirismo, compartilhado dentro de campo e nos encontros festivos, agia como um princípio afetivo de coesão, ele também apresentava a organização hierárquica do grupo aos novatos.

Atritos podem emergir como a entrada de um novo jogador ao clube, pois há sempre a possibilidade de reestruturação das posições nesta hierarquia, visto que a quantidade de capital futebolístico é que orienta fundamentalmente a organização social do campo. Os relatos de jogadores, ex-jogadores, dirigentes e veteranos do Mirante E. C. demonstram que saber fazer uso deste capital futebolístico pode ser importante para melhores condições de vida, devido à relevância do futebol nas relações cotidianas.

Durante a observação ficou evidente que, independentemente do acúmulo elevado de outros capitais, para manter o capital futebolístico conquistado, se fazia necessário permanecer em campo,

dividir os mesmos espaços e respeitar as lógicas culturalmente estabelecidas. Sair do campo, significa perder espaço e visibilidade, em outras palavras, perder capital futebolístico. Como ressalta Bourdieu (2008a) ninguém pode tirar proveito do jogo, nem mesmo os dominantes, sem se envolver a fundo nele.

Considerações Finais

A escolha de um prestador de serviço com base em suas competências futebolística, pode ser vista por alguém de fora do campo futebolístico amador de Ponta Grossa como pouco lógica, principalmente se o forasteiro considerar na interpretação a descrição dos cargos mencionados ao longo do estudo. Porém a arbitrariedade pode ser vista no princípio de todos os campos sociais, pois cada um deles só existe devido às suas leis e lógicas próprias.

Foi justamente essa impressão de arbitrariedade (mas que possuía um sentido evidente para o grupo), descrita no DC durante a interpretação das relações sociais estabelecidas pelos agentes envolvidos com as atividades do Mirante E. C., que nos permitiu chegar no capital futebolístico. Assim, passou-se a perceber que embora o fotógrafo, o marceneiro ou o pedreiro não fossem reconhecidos como os melhores profissionais, o fato de dividir o vestiário e o campo com eles, atribuía confiança e uma certa noção de segurança para aquele que solicitava o serviço.

No contexto das relações de trabalho, o acúmulo de capital futebolístico poderia ser interpretado como uma estratégia rentável economicamente ou por melhores condições, seja em uma perspectiva informal, formal ou empreendedora. Principalmente para os jogadores que possuíam poucas opções de escolha, pois não realizaram ou não puderam realizar, ao longo de sua trajetória social, os mesmos investimentos em outros campos sociais, como o acadêmico por exemplo. Nesse contexto, aceitar as lógicas deste espaço e permanecer no campo era fundamental, pois deixar o posto conquistado significaria assumir o risco de sofrer perdas simbólicas dentro e fora do campo futebolístico amador de Ponta Grossa.

Ao observar outras produções acadêmicas sobre o futebol amador no Brasil, percebeu-se que, assim como em Ponta Grossa, os agentes pertencentes a estes grupos atribuíam às competências futebolísticas uma alta valoração. Demonstrando que as práticas, valores e representações aprendidos neste espaço seriam “aplicados” em outros momentos e contextos de suas vidas. Desse modo, pode-se inferir que jogar futebol no Brasil é rentável simbolicamente.

Ao olhar para o Mirante E.C., pode-se identificar o processo de conversão deste Capital Futebolístico. A ligação que se inicia através do gosto pelo esporte, passa a ser ancorada e fortalecida a partir de valores como a confiança, o comprometimento e a ajuda mútua, fundamentais para a coesão de um time em campo. Porém, com o fortalecimento das relações, estes valores transcendem as quatro linhas, passando a serem praticados no cotidiano destes agentes. Como o trabalho e a renda são elementos fundamentais da vida adulta, de forma consciente ou inconsciente, o Capital Futebolístico passa a operar como moeda de troca para que muitos agentes pertencentes ao campo futebolístico tenham acesso a esses direitos sociais.

Embora as relações de trabalho tenham ganhado centralidade no presente estudo, entende-se que o olhar para a sociedade vai além desta categoria de análise. Foi possível compreender este recorte como uma limitação do estudo, ao passo que, são apontadas como sugestões para estudos futuros, a análise da conversão do Capital Futebolístico em outros tipos de capitais, que estão presentes nas relações políticas, uma vez que a estrutura destes espaços sociais pode ser capaz de eleger governantes, principalmente em nível local. Ou então, a relação do futebol amador e as manifestações religiosas, já que os valores e o tempo destinado ao esporte podem conflitar com os ritos. Além das relações familiares, pois ao entender o clube como uma família, relações conjugais e apadrinhamentos passam a ser fomentados no interior destes grupos, promovendo o surgimento de um *habitus* específico, que se constitui através do amor à religião, ao futebol, ao clube e à família.

Por fim, é possível entender o futebol amador como um terreno fértil a ser analisado, pois mesmo

sendo pautado por regras e comportamentos do futebol profissional, ele revela singularidades que só podem ser percebidas à medida que mergulhamos no seu interior e compreendemos a sua lógica de funcionamento.

Referências

- ALBERTI, V. **Manual de história oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2018.
- BOUMARD, Patrick. O lugar da etnografia nas epistemologias construtivistas. **Revista de Psicologia Social e Institucional**, Londrina, v.1, n.2, p. 1-6, 1999.
- BOURDIEU, P. **A Distinção: crítica social do julgamento**. Porto Alegre: Zouk, 2008a.
- BOURDIEU, P. **A economia das trocas simbólicas**. 7. ed. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- BOURDIEU, P. **Meditações pascalianas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.
- BOURDIEU, P. **O desencantamento do mundo: estruturas econômicas e estruturas sociais**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2021.
- BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
- BOURDIEU, P. **Razões práticas: Sobre a teoria da ação**. 9. ed. Campinas: Papyrus, 2008b.
- BUARQUE DE HOLLANDA, B; RIBEIRO, R. R. Oral History and Football Practice in Brazil: From an Emerging Methodology and Field of Study to a Critical Review of the 'Country of Football' from the 1970s to the 2010s. **The International Journal of the History of Sport**, Londres, v. 37, n. 16, p. 1664-1681, 2020. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/09523367.2021.1879054?journalCode=fhsp20>. Acesso em: 02 fev. 2022.
- BURDSEY D. Contested conceptions of identity, community and multiculturalism in the staging of alternative sport events: a case study of the Amsterdam World Cup football tournament. **Leisure Studies**, Birmingham, v. 27, n. 3, p. 259-277, 2008. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/02614360802127235>. Acesso em: 02 fev. 2022.
- CAMPOS, F. R. G. Ligas municipais e Copa dos Rios de Seleções: integração do espaço amazonense através da centralidade subterrânea. **Revista Ra'E Ga**, Curitiba, v. 35, p. 288-313, 2015.
- CANEDO JUNIOR, L; CAPRARO, A. M; SOUZA, M. T. O futebol na Colônia Santa Felicidade: memórias de uma identidade imigrante italiana. **Revista Motrivivência**, Florianópolis, v. 31, n. 59, p. 1-22, jul. 2019. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-80422019000300005&lng=es&nrm=iso . Acesso em: 19 fev. 2022.
- CAVALCANTI, E. A. **"Nem tudo que reluz é ouro"**: Histórias de Jogadores de futebol. 2017. Tese (Doutorado em Educação Física) – Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2017.
- CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE FUTEBOL. **Raio-X do mercado 2019: números gerais de registro**. Rio de Janeiro: CBF, 2022. Disponível em: <https://www.cbf.com.br/a-cbf/informes/index/raio-x-do-mercado-2019-numeros-gerais-de-registro>. Acesso em: 20 jan. 2022.
- DAMATTA, R. et al. **Universo do Futebol: Esporte e Sociedade Brasileira**. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.
- DAMATTA, R. **A casa & a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil**. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- DAMO, A. S. **Do dom à profissão: a formação de futebolistas no Brasil e na França**. 2005. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005. Disponível em: [https://ludopedio.org.br/wp-content/uploads/175525_Damo%20\(D\)%20-%20Do%20dom%20a%20profissao.pdf](https://ludopedio.org.br/wp-content/uploads/175525_Damo%20(D)%20-%20Do%20dom%20a%20profissao.pdf). Acesso em: 01 nov. 2021.
- DAOLIO, J. **Cultura: educação física e futebol**. 3. ed. Campinas: Editora da Unicamp, Campinas, 2006.
- DAOU, M; GUARESCHI, N. M. F; AZAMBUJA, Marcos Adegas de. Mídia e a produção do sujeito jogador de futebol profissional. **Fractal: Revista de Psicologia**. v. 26, n. 3, p. 963-978, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1984-0292/1243>. Acesso em: 02 fev. 2022.

- DOMINGOS, N. **Futebol e colonialismo**: corpo e cultura popular em Moçambique. Lisboa: ICS – Imprensa Ciências Sociais, 2012.
- FEDERATION INTERNATIONALE DE FOOTBALL ASSOCIATION. **About us Organisation**. Zurique: FIFA, 2022. Disponível em: <https://www.fifa.com/about-fifa/organisation>. Acesso em: 01 mar. 2022.
- FERRAJOLI, L. **Derechos y garantías**: La ley del más débil. 5. ed. Madrid: Editorial Trota, 2006.
- FREITAS JUNIOR, M. A.; OLIVEIRA, E. Capital futebolístico e memória: o futebol amador na trajetória social do jogador 'Russo' em Ponta Grossa/PR. **FuLiA/UFMG**, v. 7, n. 3, p.147–167, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.35699/2526-4494.2022.37069>. Acesso em: 15 de março de 2023.
- FREITAS JUNIOR, M. A.; OLIVEIRA, E.; LINHARES, W. L. Mirante Esporte Clube: um estudo etnográfico do processo de aprendizagem e reprodução do gosto pela prática futebolística amadora na cidade de Ponta Grossa – Paraná (2013-2017). **Mosaico**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 14, p. 302-320, 2018.
- FREITAS JUNIOR, M. A.; OLIVEIRA, E.; PERUCELLI, T. Experiência e sabedoria em campo: uma representação social positiva sobre o processo de envelhecimento dos “veteranos” no “campo” futebolístico amador de Ponta Grossa, Paraná (2014-2017). **Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento**, Porto Alegre, v. 24, n. 2, p. 7-28, 2019.
- GEERTZ, C. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC – Livros Técnicos e Científico Editora Ltda, 2011.
- GEERTZ, C. **El antropólogo como autor**. Barcelona: Paidós, 2010.
- GEERTZ, C. **Nova luz sobre a antropologia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- GEERTZ, C. **O saber local**: novos ensaios em antropologia interpretativa. Petrópolis: Vozes, 2003.
- GRUNENVALDT, A. C. R.; GRUNENVALDT, J. T.; PINHO, V. A. O futebol em Mato Grosso: memórias e experiências de atletas negros. In: XIX Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte, 19, 2015. **Anais XIX Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte**. Vitória: CBCE, 2015.
- HINE, C. **Ethnography for the internet**: embedded, embodied and everyday. Huntingdon: Bloomsbury Academic, 2015.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Práticas de esporte e atividade física**: 2015. Rio de Janeiro: IBGE, 2017.
- MALINOWSKI, B. K. **Argonautas do Pacífico ocidental**: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos de Nova Guiné melanésia. São Paulo: Abril Cultural, 1978.
- MYSKIW, M.; STIGGER, M. P. O futebol “de várzea” é “uma várzea”!? Etnografia da organização no circuito municipal de Porto Alegre. **Movimento**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 445-469, 2014.
- OLIVEIRA, E.; FREITAS JUNIOR, M. A. **Redescobrimo o sentido do jogo**: uma etnografia da cultura futebolística no mirante esporte clube. Brasília: Trampolim, 2020. Disponível em: https://www.gov.br/cidadania/pt-br/acoes-e-programas/outros/programa-academia-futebol/livros/livro-7_tagore_impressao.pdf. Acesso em: 28 fev. 2022.
- PIMENTA, C. A. M. O sonho na sociedade contemporânea: juventude e futebol. **Ponto-e-Vírgula: Revista de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 1, n. 3, p. 112-12, 2008.
- PIMENTA, R. D. O jogo no sertão: conhecendo o futebol amador na zona rural. **Espaço Plural**, Marechal Cândido Rondon, v. 14, n. 29, p. 90-113, 2013.
- RIAL, C. Rodar: a circulação dos jogadores de futebol brasileiros no exterior. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 14, n. 30, p. 21-65, 2008.
- RIBEIRO JR, J. C. **Futebol Pontagrossense Recortes da História**. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2004
- RIGO, L. C. Amizade, pertencimento e relações de poder no futebol de bairro. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 10, n. 1, p. 83-98, 2007.
- SPAGGIARI, E. **Família joga bola**. Constituição de jovens futebolistas na várzea paulistana. 2014. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

TORBJÖRN, A; HANS H. Glocal culture, sporting decline? Globalization and football in Scandinavia, **Sport in Society**, Londres, v. 22, n. 4, p. 704-716, 2019. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/17430437.2017.1389015>. Acesso em: 01 jan. 2022.

TUCKER, L. It's not just about the football: leading social change in a Sunday league football team. **Sport in Society**, Londres, v. 18, n. 4, p. 410-424, 2015. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/17430437.2015.929296>. Acesso em: 01 jan. 2022.

WACQUANT, L. **Corpo e Alma**: Notas etnográficas de um aprendiz de boxe. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.